



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

A MIDIATIZAÇÃO DA MORTE DE JÚPITER MAÇÃ: PERFORMANCES DO EVENTO FÚNEBRE E A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA MITIFICAÇÃO DO ARTISTA

THE MEDIATIZATION OF JUPITER MAÇÃ'S DEATH: PERFORMANCES OF THE FUNERAL EVENT AND THE MEDIA'S INFLUENCE IN THE ARTIST'S MYTHIFICATION

Caroline Govari Nunes¹

Resumo: Este artigo pretende discutir a midiática da morte de Júpiter Maçã, pensando seu funeral como uma performance teatral e analisando a influência da mídia na mitificação do artista. Primeiramente, trabalhamos com alguns conceitos dos estudos de Comunicação, que discutem os processos midiáticos e a midiática, e na sequência abordamos os estudos de Performance, onde discutimos o evento fúnebre em si. Entendemos que nossas atividades, agora performatizadas, se misturam aos meios de comunicação e que a midiática atravessa todos os processos sociais. Autores como Gomes (2006, 2013), Hjavard (2012), Schechner (2006) e Taylor (2013) são alguns dos que nos oferecem suporte para esta análise.

Palavras-chave: Funeral. Mídia. Performance.

Abstract: This paper aims to discuss the mediaticization of Júpiter Maçã's death, thinking of his funeral as a theatrical performance and analyzing the media's influence in the artist's mythification. First, we debate with some concepts of Communication studies, which discuss media processes and mediaticization, and then we approach the Performance studies to debate the funeral event. We realized that our activities, now performatized, are mixed with the media and the mediaticization crosses all social processes. Authors such as Gomes (2004, 2013), Hjavard (2012), Schechner (2006) and Taylor (2013) give us support to do this analysis.

Keywords: Funeral. Mediaticization. Performance.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola da Indústria Criativa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos e Bacharel em Comunicação Social – Hab: Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: carolgovarinunes@gmail.com



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

1. Considerações iniciais

Este trabalho busca discutir questões midiáticas e performáticas em torno do funeral do músico Flávio Basso, mais conhecido como Júpiter Maçã, falecido em 21 de dezembro de 2015. O que propomos aqui é uma intersecção dos estudos de Comunicação – onde abordaremos os processos midiáticos, o conceito de midiatização e de como este processo interfere na sociedade –, e estudos de Performance – pensando o funeral do artista como um evento performático. Para isso, nossos métodos se baseiam em um estudo de caso, onde trabalhamos com um recorte da mídia em sites jornalísticos e em sites de redes sociais. Em função disso, algumas imagens são utilizadas para ilustrar o caso.

Nascido em Porto Alegre/RS em 26 de janeiro de 1968, Flávio Basso é considerado pela imprensa o “criador do rock gaúcho”, alguém que serviu de modelo para toda uma geração que viria a seguir. Foi fundador de duas das bandas mais expressivas do rock gaúcho²: TNT, ao lado de Márcio Petracco (baixo), Charles Master (guitarra) e Felipe Jotz (bateria). Mais tarde, quando Nei Van Soria entrou para o grupo como guitarrista, Flávio Basso, que também tocava guitarra, ficou exclusivamente no vocal. Apesar de não terem lançado nenhum disco com essa formação – Flávio e Nei Van Soria deixariam a banda para formar Os Cascavelletes, na sequência –, o artista participou da coletânea *Rock Grande do Sul*, lançada em 1986, responsável por colocar o rock gaúcho nas televisões e rádios de todo o país. Quando saíram do TNT, Flávio Basso e Nei Van Soria juntaram-se a Frank Jorge (baixo e backing vocal) e Alexandre Barea (bateria) e formaram Os Cascavelletes, com quem o artista lançou os discos de estúdio *Os Cascavelletes* (1988) e *Rock'a'ula* (1989).

Em carreira solo, após adotar o nome Júpiter Maçã, lançou os discos *A Sétima Efervescência* (1997), *Plastic Soda* (1999) – quando “Júpiter Maçã” virou “Jupiter Apple”; *Hisscivilization* (2002), *Jupiter Apple and Bibmo Presents: Bitter* (2007) e *Uma Tarde na Fruteira* (2008) e o DVD *Six Colours Frenesi* (2014). Além disso, Flávio Basso foi apresentador de um *talk show* na MTV em 2008. O programa, intitulado Júpiter Maçã Show, ficou marcado por ser “absurdo e engraçado”, com entrevistas sem noção, aparentemente seguindo a ordem de todas as apresentações do músico gaúcho na televisão brasileira³. O

² Neste artigo não iremos abordar o rock gaúcho e as problemáticas em torno do rótulo ou do gênero musical. Entretanto, apontamos que isso vem sendo feito em trabalhos anteriores (Cf. Nunes, 2016).

³ Uma apresentação marcante de Flávio Basso (junto com Os Cascavelletes) na televisão brasileira foi cantando a música “Eu Quis Comer Você” no programa infantil Clube da Criança, na TV Manchete, apresentado por Angélica.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

artista estava, ainda, trabalhando em um novo disco quando faleceu, desencadeando uma cobertura midiática muito peculiar sobre sua morte, que foi estendida durante todo o seu funeral.

Nas imagens abaixo, sites notificam a morte do artista. Nos exemplos, ele é chamado de “ícone”, “figura mítica” e “lenda” do rock gaúcho.

Figuras 1 e 2: Notícias sobre a morte de Júpiter Maçã

Figura mítica do rock gaúcho, Júpiter Maçã morre aos 47 anos

Artista era reconhecido pela irreverência e
pela experimentação

REDAÇÃO ÉPOCA
21/12/2015 - 21h06 - Atualizado 22/12/2015 13h57

f Comp. (838) p Pinar (2) in Comp. (1) G+ Comp. Twitter Assine já!



Júpiter Maçã, lenda do rock gaúcho, morreu após bater a cabeça



Júpiter lançou-se na música em 1985, com o TNT (Foto: Cisco Vasques/Divulgação)

Fontes: Jornais Época e O Sul

Figuras 3 e 4: Imprensa chama o artista de “figura mítica” e “lenda” do rock gaúcho

Rock gaúcho perde um de seus ícones, Júpiter Maçã, aos 47 anos

Por Fabiano Alcântara
Atualizado em 21/12/2015

140 13 0
Twitter Google+ Compartilhar



Ícone do rock gaúcho, músico Júpiter Maçã morre aos 47 anos em Porto Alegre

Do UOL, em São Paulo 21/12/2015 20h15

f Twitter P in e Ouvir texto Imprimir Comunicar erro



Fontes: Sites Vírgula e UOL



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

A partir disso, iniciamos nossa análise primeiramente pensando os aspectos midiáticos e de como a mídia vem atravessando todos os processos sociais.

2. Mídia

Em primeiro lugar, como eu posso pensar o campo comunicacional midiaticamente? Como eu penso as processualidades? De que forma os processos midiáticos afetam a sociedade?

Temos aqui um campo como objeto – um campo sendo pensado enquanto área de observação, onde nós construímos nossa área de trabalho. Dessa forma, buscando construir uma concepção de comunicação própria para nossa pesquisa, compreendemos que é preciso pensar a comunicação em movimento, pois ela se produz de um ponto a outro. Entender, também, o corpo em movimento, suas processualidades, movências. Então o fundamental, para nós, é testar, tensionar, trazer a teoria para o empírico. É essencial que façamos a teoria do nosso objeto, do nosso estudo de caso.

Como no campo de estudos da Comunicação nós não temos métodos testados e comprovados e nossas teorias são validadas para diversos campos, o jeito é fazer e testar conjecturas: nosso método é essencialmente tentativo (BRAGA, 2007, 2011). Para funcionar, é preciso que haja tensionamentos nos ângulos comunicacionais – e é aí que problematizamos nosso objeto do ponto de vista midiático, pensando suas processualidades.

Compreendemos processos midiáticos tal qual Gomes: um conjunto de práticas comunicacionais pertencentes ao campo das mídias que operam, de acordo com diferentes linguagens, através de dispositivos como jornal, televisão, rádio, fotografia, revista, produção editorial, produção eletrônica, vídeo e outros processos emergentes (GOMES, 2004, p. 17). Gomes (2013) aponta que a comunicação constitui a sociedade, cujo conteúdo expressa toda a sua vida: passado, presente, futuro, histórias, sonhos etc. O resultado é o compartilhamento de vivências entre as pessoas de todas as gerações. Assim, nos perguntamos: o que os meios fazem conosco? O que nós fazemos com os meios? Para o autor, há de se passar pelos meios para que a gente entenda a sociedade e que este processo comunicacional possibilita o avanço da sociedade cada vez mais em níveis mais complexos. Estes meios servem como janelas do mundo e recortes que eles fazem na sociedade como, por exemplo, o agendamento midiático,



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

dispositivos que organizam nossa vida, a produção de comportamentos e como eles estruturam a sociedade a partir de sua dinâmica.

A mediação pode ser vista como um processo global que converte os meios em tecnologias, sendo uma atividade que ultrapassa o domínio dos espaços em si e gera um novo modo de funcionamento, e é justamente aí que o paradigma comunicacional se expande. Isto é, não há modelo universal: o que há são apropriações e processos de práticas, uma complexificação da técnica convertida em meios e meios convertidos em práticas comunicacionais. Para Gomes (2013), com o advento da tecnologia digital, essas inter-relações se ampliaram e se complexificaram, criando, assim, uma nova ambiência, um novo modo de ser no mundo, que é o que caracteriza a sociedade atual.

Por conseguinte, sobrepostas na produção de sentido, a comunicação e a sociedade articulam-se neste caldo cultural da mediação, que é resultado da emergência e do extremo desenvolvimento tecnológico, caracterizando muito mais do que um estágio na evolução, e sim um salto qualitativo que estabelece algo novo na sociedade.

Quando falamos em mediação da sociedade, entendemos que este é o processo pelo qual a sociedade está submetida a tornar-se dependente da mídia e de sua lógica. Mediação é um conceito importante na sociologia moderna no que se refere ao processo fundamental de modernização da sociedade e da cultura, e assim os meios de comunicação alteram as interações sociais.

Para Hjavard (2012), o conceito-chave para entender a influência da mídia na cultura e na sociedade é justamente o conceito de mediação. Segundo o autor, mediação

é um processo de *dupla face* no qual a mídia se transformou em uma *instituição semi-independente* na sociedade à qual outras instituições têm que se adaptar. Ao mesmo tempo, a mídia se *integrou às rotinas* de outras instituições, como política, família, trabalho e religião, já que um número cada vez maior das atividades destes domínios institucionais é realizado através tanto dos meios de comunicação interativos quanto dos meios de comunicação de massa. De forma geral, a mediação implica uma *virtualização* da interação social e, observando as *affordances* institucionais, tecnológicas e estéticas de diferentes meios de comunicação, talvez possamos entender como a mídia molda novos padrões de interação (HJAVARD, 2012, p. 1, grifos do autor).

Além de explicar o conceito de mediação, Hjavard (2012) esclarece os seguintes tópicos:



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

1) A mediação na teoria pós-moderna, na qual os meios de comunicação dão origem a uma nova consciência e ordem cultural onde os meios de comunicação são guiados por uma espécie de lógica semiótica e sua influência central consiste em submeter toda comunicação e todo discurso a um único código dominante;

2) A mídia como uma instituição independente, ou seja, ela não apenas desempenha um papel próprio, mas alcançou o status de instituição independente e fornece os meios pelos quais as demais instituições e atores se comunicam. Os meios de comunicação influenciam e intervêm na atividade de outras instituições e meios de interação, como vimos em sua definição para mediação;

3) Os meios de comunicação alteram a interação, onde o autor considera a interação no nível microssocial, apontando que a interação social consiste em comunicação e ação. A mídia, evidentemente, funciona como meio para a comunicação, ou seja, um intercâmbio de significado entre duas ou mais partes;

4) A virtualização e uma nova geografia social, onde explica a crescente complexidade dos territórios na interação mediada, onde testemunha um efeito geral da mediação: a virtualização de instituições sociais. “Antes, as instituições eram mais ligadas a lugares específicos: a política ocorria no parlamento, na prefeitura e em salas de reunião; a educação ocorria nas escolas e universidades; e a arte era apresentada no palco e nos museus e galerias” (HJAVARD, 2012, p. 82), e depois da intervenção dos meios de comunicação, os indivíduos puderam se encontrar independentemente de sua localização física;

5) Modernidade e mediação, onde finaliza dizendo que a mediação é um conceito importante na sociologia moderna no que se refere ao processo fundamental de modernização da sociedade e da cultura.

Então a mídia, para nós, pode ser pensada como agente de mudança social, pois ela se integrou à rotina de outras instituições. Nossas atividades se misturam aos meios de comunicação, e é pensando justamente nisso que trazemos alguns pontos levantados por Carlón (2015) ao discutir questões referentes ao público e privado – o pessoal se tornando massivo, afinal, nas mídias sociais e em sites como o Twitter, que aparecerá na sequência, nós – jornalistas ou atores comuns da sociedade – contamos tudo para um grupo. Assim, buscamos discorrer sobre o que há nesse meio que é capaz de mudar as interações e até relacionamentos; pensar as capacidades e consequências sociais disso. As mídias sociais



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

permitem um maior controle, gerenciamento e restrições de nossos novos mundos; há diferentes experiências para diferentes mídias, o que aciona uma discussão sobre emissor e natureza do dispositivo – é preciso pensar também o material. Ainda de acordo com Carlón (2015), é importante lembrar que essa nova mediação alterou a experiência social do tempo e espaço tanto na produção como na recepção. De qualquer maneira, essa é a cultura demandante: uma nova cultura que impõe novas formas de interação.

Por conseguinte, dentro dessa nova sociedade mediada, podemos acompanhar todos os eventos – inclusive funerários. No nosso caso específico, problematizamos a questão do funeral enquanto evento performático, onde acompanhamos, na época, mediados pela imprensa e pelos sites de redes sociais, o funeral de Júpiter Maçã e tudo o que a morte do artista significou para o rock gaúcho.

Com a morte de Júpiter Maçã, o “mito do rock gaúcho” foi corporificado no artista. Sua morte foi amplamente mediada, sempre o colocando no papel de “criador”, expondo o evento teatralizado que foi o último adeus ao artista, falando das luzes que compunham o palco do Teatro Renascença, em Porto Alegre, onde o músico estava sendo velado, imagens ao vivo no Jornal do Almoço da RBS TV, inúmeras imagens do corpo do artista no caixão, dos familiares, dos fãs e de todos que compunham aquele evento. Além disso, a imprensa sinalizou a presença de todos os artistas considerados membros fundadores da cena, como Nei Van Sória, Frank Jorge, Edu K, Márcio Petracco, entre outros, que estavam presentes no funeral. Dessa forma, avaliamos que este foi, de fato, um evento simbólico para o rock gaúcho, merecedor de análise e entendimento.

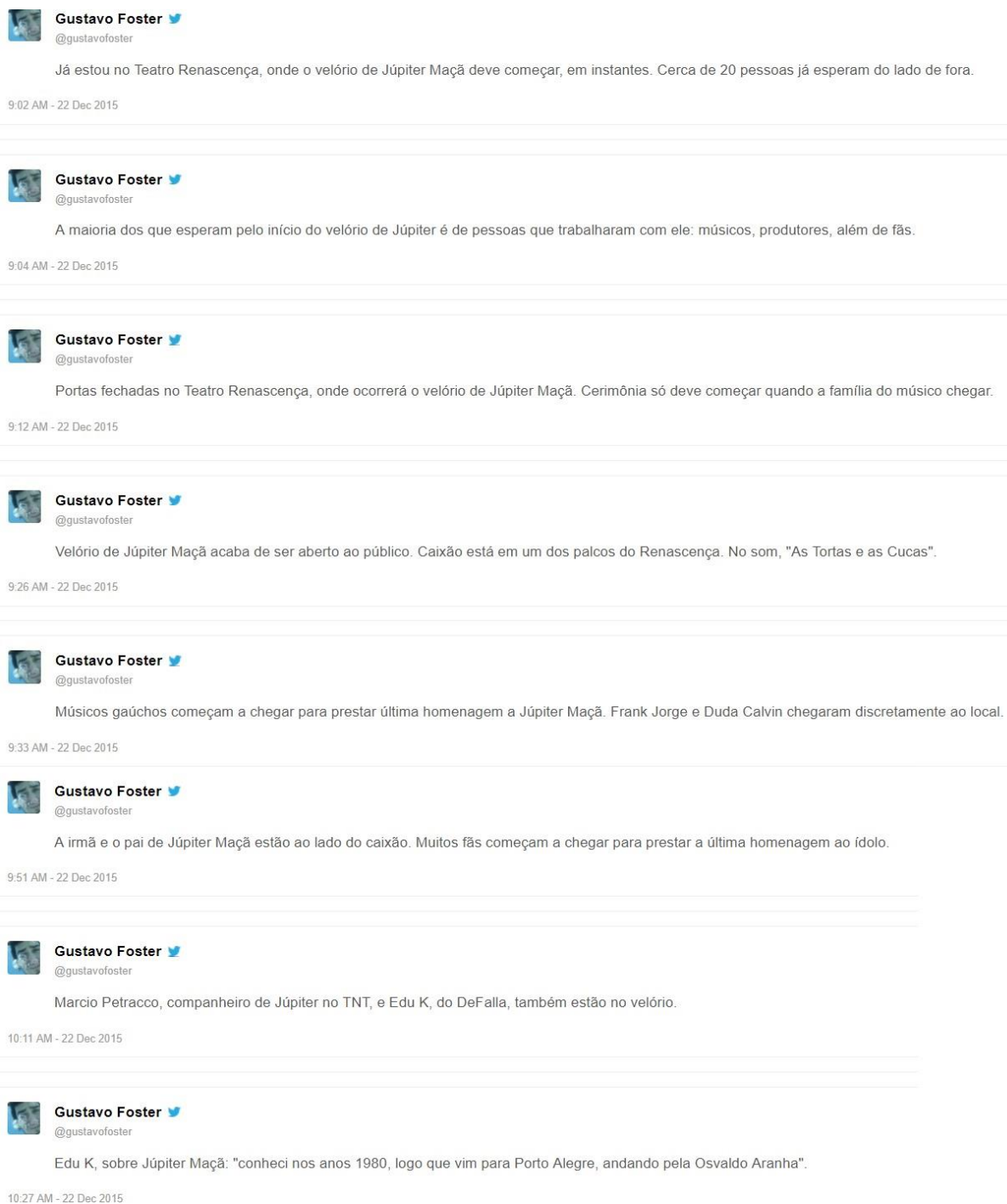
Nas figuras 5 e 6, temos exemplos da cobertura feita em tempo real, no Twitter, por jornalistas gaúchos que acompanharam todo o velório de Júpiter Maçã.

Na figura 5, o jornalista Gustavo Foster narra desde o momento em que chega até o Teatro Renascença, onde ocorreu o velório, inclusive desde antes deste ser aberto ao público. O jornalista fala da trilha sonora, quais músicas de Júpiter Maçã que estão tocando como, por exemplo, “As tortas e as Cucas”, uma de suas músicas mais conhecidas; fala dos familiares ao lado do caixão, comenta que amigos, produtores e fãs, tudo para que o público que não está presente no velório – mas que está acompanhando pelo Twitter – saibam como está sendo o adeus a Júpiter Maçã.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Figura 5: Jornalista da Zero Hora cobrindo ao vivo, pelo Twitter, o velório de Júpiter Maçã

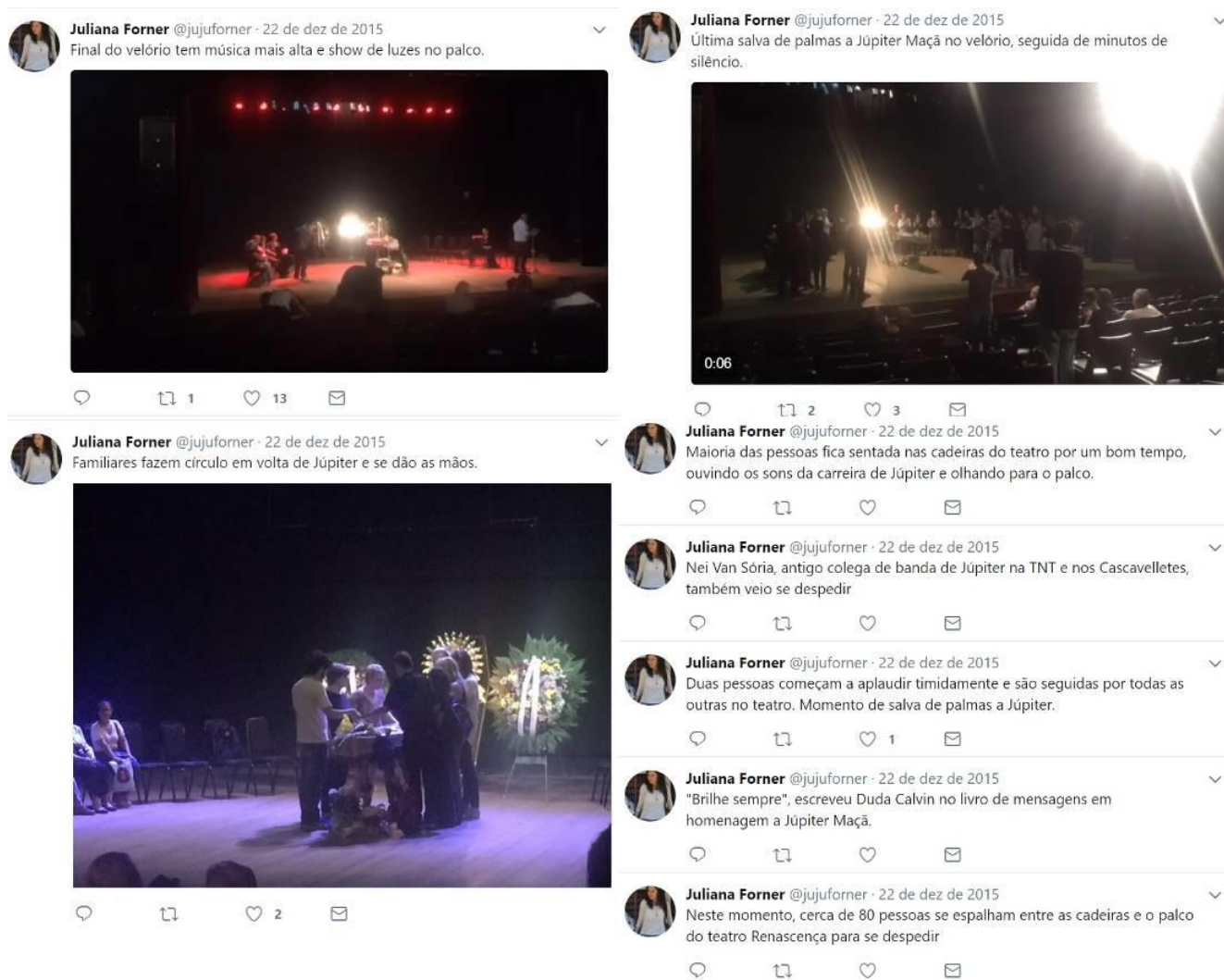


Fonte: Perfil do jornalista Gustavo Foster no Twitter



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Figura 6: Jornalista utiliza texto, vídeos e imagens durante a cobertura ao vivo do velório



Fonte: Perfil da jornalista Juliana Forner no Twitter

Na figura 6, por exemplo, a jornalista Juliana Forner também fala dos músicos e amigos presentes, expõe para o público que acompanha através das mídias sociais inclusive o que artistas escreveram no livro de homenagens, como “Brilhe sempre”, escrito por Duda Calvin. A jornalista também fala das luzes, das músicas tocando e faz fotos⁴ que mostram o momento em que os familiares fazem um círculo em volta do caixão do artista, entre outros movimentos típicos de

⁴ Algumas fotos e vídeos do velório ainda estão disponíveis neste link: <http://embed.scribblelive.com/Embed/v7.aspx?Id=1732011>.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

funerais. Dessa forma, damos sequência à nossa análise, agora passando aos estudos de performance.

3. Estudos de performance

O conceito de performance nos ajuda a entender os comportamentos de atores sociais em diversas situações. Neste subtítulo, trabalharemos a questão do funeral enquanto evento performático, onde acompanhamos, na época, mediados pela imprensa e pelos sites de redes sociais, o funeral de Júpiter Maçã e tudo o que a morte do artista significou para o rock gaúcho.

Para Richard Schechner,

Performances são atos de transferências vitais, transmitindo conhecimento, memória e sentidos sociais por meio de comportamentos reiterados. A performance constitui objeto/processo de análise dos estudos de performance, isto é, as muitas práticas e eventos – dança, teatro, espetáculos, rituais, comícios, *funerais* – que envolvem comportamentos teatrais, ensaiados ou convencionais (SCHECHNER, 2006, p. 38, grifo nosso).

Schechner (2012) também fala que performances podem ser entendidas como comportamentos duplamente exercidos, compilados e transmissíveis. Esse comportamento duplamente exercido é gerado através da interação entre o jogo e o ritual. De fato, para o autor, performance pode ser definida como um “comportamento ritualizado condicionado/permeado pelo jogo” (SCHECHNER, 2012, p. 49). Entende-se aqui que há uma ligação entre a performance e o ritual. Apesar de não ser o foco do autor, Schechner (2012), em sua obra, discute se a origem do ritual seria a performance, ou a performance a origem do ritual. O que fica claro, todavia, é estes estão interligados.

Além do conceito de performance, buscamos em Diana Taylor (2013) características das tradições funerárias, do drama social e do funeral como performance teatral. A autora, que trabalhou de forma ampla o funeral da Princesa Diana, questiona qual seria a política dessa energia memorativa e das performances miméticas de dor encenadas simultaneamente em várias partes do mundo: os momentos sincronizados de silêncio, as assinaturas nos livros de condolências, os santuários, as flores etc. Taylor (2013) fala da vida, morte, funeral e vida após a morte de Diana “como relíquias quase sagradas em exibição, tudo isso ilumina a



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

maneira como dramas sociais múltiplos e em intersecção são representados tanto em âmbito global quanto local” (TAYLOR, 2013, p. 198). A transformação dos acontecimentos que cercaram Diana em enredo trágico e a teatralidade da encenação, transmitida internacionalmente, criam a fantasia de uma audiência “universal” e coesa. Dessa forma, ao olhar para a natureza e encenação desses dramas sociais, Taylor (2013) explora como a globalização faz o papel de “universalidade” e como o arquivo dessa “universalidade” é baixado estrategicamente e reconfigurado em nível local (TAYLOR, 2013, p. 198).

No caso de Júpiter Maçã, percebemos que as próprias imagens feitas pela imprensa intensificam a dor encenada pelos amigos, fãs e familiares presentes no velório do artista.

Figuras 7 e 8: Amigos e familiares no palco do Teatro Renascença. Na figura 8, Frank Jorge, colega de Júpiter Maçã n’Os Cascavelletes, se despede do músico



Fontes: Maria Polo/G1 e Carlos Macedo/Agência RBS

Diana Taylor (2013) traz à tona o modelo de “drama social”, proposto por Victor Turner, um modelo que Turner assegura ter validade universal, onde reconhecemos as quatro fases que Turner identifica – e aplicamos à morte e ao funeral de Júpiter Maçã:

1) Uma fissura ou ruptura social e o desprezo da norma: o drama privado encenado publicamente dos problemas de saúde de Júpiter Maçã: o alcoolismo, a tentativa de suicídio, as diversas internações em clínicas de reabilitação, a decadência nos shows – tudo explorado pelos fãs e pela imprensa;

2) A crise, em que a fissura se amplia e se incrementa: sua morte – a crise – era um drama trágico: apesar de todos os problemas de saúde enfrentados pelo artista, a morte de Júpiter Maçã foi tratada com uma grandeza trágica, cristalizando a imagem do artista como “criador do rock gaúcho”;



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

3) A ação de reparação, que busca conter a expansão da crise: o funeral como performance teatral: seguindo as tradições de outros funerais, esse acontecimento foi mais uma repetição, apenas o mais recente, mas nunca o primeiro ou o último desses espetáculos. Trata-se de uma performance, orquestrada com início, meio e fim. A teatralidade derivava da coreografia de cor⁵ – jogo de luzes no palco onde encontrava-se o caixão com o corpo do músico –, movimento, som – a escolha das músicas de Júpiter Maçã para tocar no ambiente, espaço e adereços do músico. A teatralidade, frequentemente vista como um atributo do teatro, claramente o antecede e se estende além dele. Que quantidade de teatralidade deveria a cena roqueira de Porto Alegre exigir para honrar o falecimento de seu “herói”?

4) A fase da reintegração, o reordenamento das normas sociais. Cada uma das quatro etapas se desenvolve de um estilo dramático diferente, cada uma rivalizando-se com a anterior na ação de estender os contornos da teatralidade (TAYLOR, 2013).

A teatralidade do acontecimento reivindica o poder visual por meio da produção de camadas, a adição e o aumento de elementos tradicionais e não tradicionais. A natureza prescrita, de comportamento reiterado, dos funerais, também tem uma função ritual (TAYLOR, 2013). O trato formal das transições, ou passagens, dolorosas ou perigosas ajudam a regular o dispêndio de emoção. Para a autora, os funerais têm servido, há muito tempo, para canalizar e controlar a tristeza. Porém, um funeral televisionado, com sua insistência na participação, parecia motivar as próprias emoções que seria seu papel canalizar. Os espectadores, do mesmo modo que os presentes no funeral – amigos, artistas, familiares –, tornaram-se o espetáculo para uma audiência reunida, talvez pela tristeza, mas, mais certamente, pela televisão, pelos portais de notícias, pelos sites de redes sociais. Assim como vimos em acontecimentos anteriores – por exemplo, na morte de Nico Nicolaiewsky e Nico Fagundes, outros dois artistas muito importantes no Rio Grande do Sul –, as mídias e os sistemas de comunicação performatizaram a identificação que eles afirmavam relatar, certificando-nos de que a perda de Júpiter Maçã era uma perda “nossa”, para todos os fãs do rock gaúcho.

A performance, então, envolve mais do que um objeto (como na arte performática), mais do que uma realização ou finalização. Ela constitui uma prática invocativa (quase mágica). Ela provoca emoções que afirma apenas

⁵ Alguns vídeos do velório ainda estão disponíveis neste link:
<http://embed.scribblelive.com/Embed/v7.aspx?Id=1732011>.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

representar, evoca memórias e a tristeza que pertencem a outro corpo. Ela conjura e torna visível não apenas o que está ao vivo, mas também o poderoso exército dos que estão, desde sempre, vivos (TAYLOR, 2013, p. 208).

Para Taylor (2013), a performance se torna visível e expressiva dentro do contexto de um repertório imaginário de repetições. Entretanto, há um mecanismo novo em funcionamento. Por um lado, vemos apenas o que fomos condicionados a ver: o que vimos antes. Assim, parte da tristeza que sentimos em torno da morte de Júpiter Maçã é porque ele nos é tão familiar, representando a rebeldia jovem, a obsessão pelo rock britânico, o estilo de vida “sexo, drogas e rock’n’roll”, tão presente no imaginário dos fãs de rock. Por outro lado, sinaliza a autora, o espetáculo se apresenta como um acontecimento universal e unificador. Mas o espetáculo, nas palavras de Debord (1983, p. 3), “não é uma coleção de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens. O espetáculo, então, é o que nós *não* vemos, o invisível que ‘aparece’ somente por meio da mediação” (apud TAYLOR, 2013, p. 209).

Como no teatro – uma palavra que se refere tanto à moldura física e institucional quanto à ação proposital que ocorre dentro de seus limites –, a teatralidade do funeral marca os ritos de passagem da tradição histórica. No caso de Júpiter Maçã, vimos a imprensa dando o passo a passo do que acontecia no funeral: a rota, as filas dos fãs, o momento só da família, os artistas chegando, os artistas conversando, a família dando as mãos ao redor do caixão, enfim, a coreografia da festa funerária. A encenação física, comenta Taylor (2013), é também um ato de restauração; ela separa e cria um enredo para o evento, o primeiro e o último ato do criador do rock gaúcho. Depois da crise abrupta causada pela morte, o funeral oferece um encerramento estético e uma resolução emocional.

Figuras 9 e 10: Amigos lamentam a morte do artista na beira de seu caixão



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais



Fontes: Caroline Ferraz/Sul 21e Samuel Maciel/Correio do Povo

Inclusive, o próprio fato de o velório ter acontecido no palco do Teatro Renascença amplia a dimensão performática do evento: parece que este foi pensado para ser encenado e midiático; a iluminação do palco salienta o ambiente teatral e resulta em imagens marcantes e comoventes, como vimos nas figuras 9 e 10, exibidas anteriormente.

E o que teria a ver o povo com essa encenação teatral do funeral? A “encenação do popular”, como afirma García Canclini em *Culturas Híbridas*, “tem sido uma mistura de participação e simulacro” (TAYLOR, 2013, p. 218). Os portais de notícia de todo o país apresentaram o mesmo tipo de artigo, expandindo o alcance do “nós” enquanto expandia sua audiência. As fotos de Júpiter Maçã apareciam, relatando a reação dos fãs ao abalo desolador dos acontecimentos. Sites de redes sociais foram tomados por homenagens ao artista, eventos foram criados, ou seja, tudo para mostrar o que Júpiter Maçã simbolizava para a cultura juvenil do estado.

E a cobertura da morte do artista seguiu até o cemitério: a imprensa acompanhou o cortejo com o corpo do artista, sendo levado por nomes icônicos do rock gaúcho, como Frank Jorge, Nei Van Sória, entre outros, no Cemitério João XXIII, em Porto Alegre, e o momento em que o corpo foi sepultado, sob aplausos de todos os presentes.

Figura 11 e 12: Cortejo com o corpo do artista e o momento em que ele foi sepultado



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais



Fonte: André Avila, Grupo RBS

4. Considerações finais

A proposta deste artigo foi discutir aspectos midiáticos e performáticos da morte do artista Júpiter Maçã, buscando analisar de que forma a mídia atuou durante todo o processo de notícia da morte, passando pela cobertura do velório até o sepultamento do artista, analisando essas atividades sob a ótica da midiatização, e posteriormente discutindo seu funeral a partir dos estudos de performance.

Percebemos que a midiatização, hoje, atravessa todos os processos sociais. Atualmente, a sociedade não apenas produz sua realidade através de interações, mas igualmente produz os próprios processos interacionais que utiliza para elaborar sua realidade. Isto é, temos uma sociedade sendo vazada, não há mais somente o músico, a celebridade da web, o jornalista: há uma passagem que vai além dos dispositivos tecnológicos. Nossa sociedade e nossas relações, agora, se estruturam em torno dos meios – ou seja, podemos falar, sim, em uma sociedade em vias de midiatização (Fausto Neto, 2008) e é por isso que estudamos seus processos, seus efeitos e suas transformações nas interações sociais.

Entretanto, não podemos analisar as novas mídias como um todo, é preciso focar em suas especificidades – no nosso caso, focamos na especificidade da cobertura do velório feita pelo Twitter – as manchetes dos sites utilizadas no início do artigo serviram de pontapé para instigar nossa análise. Alguns tópicos que surgiram durante a observação e que não foram tratados de forma aprofundada neste artigo servem, inclusive, para pensarmos questões futuras a respeito das práticas midiáticas e diferentes modos de cobertura de funerais (e



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

eventos, em geral) por meio da internet e de como essas processualidades alteram nossos relacionamentos.

De acordo com o que foi sendo sinalizado ao longo do artigo, percebemos que as atividades performáticas da própria imprensa – possibilitadas, claro, pelo velório ter ocorrido em um teatro, facilitando imagens marcantes, com uma luz favorável, entre outros aspectos discutidos, acabam por ratificar a identidade do “mito do rock gaúcho” que a imprensa quis mostrar.

Dessa forma, concluímos que a atividade da imprensa foi construída, recortada e performatizada com um intuito, isto é, não houve uma performance e uma superexposição aleatória da figura de Júpiter Maçã durante toda a cobertura de sua morte: o que houve foi uma intensificação da imagem mítica que o artista construiu ao longo de sua carreira, sendo, finalmente, cristalizada com sua morte.

Referências

BRAGA, José Luiz. Constituição do Campo da Comunicação. **Revista Verso e Reverso**, São Leopoldo: UNISINOS, XXV (58): p. 62-77, janeiro-abril de 2011.

_____. Pequeno roteiro em um campo não traçado, in Ferreira, J. **Cenários, teorias e epistemologias da Comunicação**, São Paulo: E-Papers, 2007, p. 7-21.

CARLON, Mario. Público, privado e íntimo: el caso Chicas Bondi Y el conflicto entre derecho a la imagen y la libertad de expresión en la circulación contemporânea. In: CASTRO, Paulo Cesar (org). **Dicotomia Público/Privado: estamos no caminho certo?** Maceió: EDUFAL, 2015

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas** – estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos.

DEBORD, G. **The Society of the Spectacle**. Detroit, Black and Red, 1983, p. 3.

FAUSTO NETO, Antonio. **Fragmentos de uma “analítica” da mídia e processos sociais**. Revista Matrizes, v. 1, p. 89- 105, 2008.

GOMES, P. G. **Tópicos de Teoria da Comunicação**. São Leopoldo, Unisinos, 191p., 2004.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

GOMES, Pedro Gilberto. **Da sociedade dos mídias à sociedade em midiatização**. Paper. Ppgcc, Unisinos. São Leopoldo, 2013.

HJAVARD, Stig. Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, São Paulo, ano 5, n.2 p. 53-91, jan/jun/2012.

NUNES, Caroline Govari. **As próximas horas serão muito boas. Materialidades e estéticas da Comunicação em duas apresentações ao vivo da banda Cachorro Grande**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Escola da Indústria Criativa, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2016, 169 p.

SCHECHNER, Richard. **“O que é performance?”**, em Performance studies: an introduction, second edition. New York & London: Routledge, p. 28-51, 2006

SCHECHNER, Richard. **Performance Studies** – An Introduction. London and New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2012.

TAYLOR, Diana. **O Arquivo e O Repertório: Performance e Memória Cultural na América Latina**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

TURNER, Victor W. **From ritual to Theatre**. New York: PAJ Publications, 1982.